

MATTHEW SHIRTS

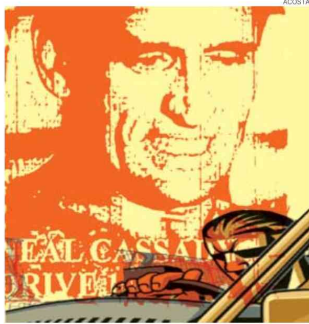


DOMINGO, NO CADERNO 2-CULTURA: VERISSIMO, JOÃO UBALDO RIBEIRO E DANIEL PIZA

- segunda-feira
MATTHEW SHIRTS
- terça-feira
ARNALDO JABOR
- quarta-feira
ROBERTO DAMATTA
- quinta-feira
LUIZ FERNANDO VERISSIMO
- sexta-feira
IGNACIO DE LOVALI BRANDÃO
- sábado
MARCELO RIBEIRO PAIVA

O maior piloto de todos os tempos

Fãs da Fórmula 1 ainda discutem quem foi o maior piloto de todos os tempos, se Schumacher, Senna, Fangio, Stewart ou Prost, embora os números sejam eloquentes em favor do alemão. No Nascar, popular nos Estados Unidos, a briga fica entre o "rei" Richard Petty e o lendário Dale Earnhardt. Antigos seguidores dos Indy Carstravam discussões acaloradas em torno de A.J. Foyt, Mario Andretti ou Al Unser. Mas para um pequeno grupo de leitores e intelectuais, hoje espalhado pelo mundo, não há nenhuma dúvida. O maior piloto de automobilismo de todos os tempos, independentemente da modalidade, foi Neal Cassidy - ponto final. Talvez você nunca tenha ouvido falar dele. Não sei se chegou a participar de alguma corrida. Cassidy ganhou fama na década de 50, na figura de Dean Moriarty, companheiro de Jack Kerouac no seu romance clássico, *Pena Estrada*. Os dois



atravessaram os Estados Unidos diversas vezes juntos e o talento de Neal como motorista é descrito em detalhes no livro. Lenda dos literatos da geração beat, Cassidy dirigia como nenhum outro, diziam todos. É citado por Allan Ginsberg como "N.C., o inspirador secreto" do longo poema vanguardista, *Howl*, e por Hunter S. Thompson, no seu *Hell's Angels*, publicado há pouco no Brasil. De Cassidy dizia-se que era capaz de estacionar um Packard 37 à beira do Grand Canyon, de ré, enquanto enrolava um cigarro. Maior elogio não havia. Em 1964, quando Ken Kesey, autor do romance *Um Estranho no Ninho* (filmado, anos depois, com Jack Nicholson no papel principal), resolveu comprar um velho ônibus escolar, pintá-lo com cores psicodélicas, e enchê-lo de artistas e cinegrafistas malucos para ir a Nova York, da Califórnia, chamou o Cassidy para dirigir-lo, e claro. A frente do ônibus, no lugar da placa do destino, dizia

seus heróis da minha juventude. Era criança demais para ter participado dos grandes eventos da contracultura na década de 60. Mas lia tudo que conseguia encontrar a respeito, na década seguinte. Dia desses, aliás, minha filha Maria, hoje com 18 anos, perguntou, indignada, por que eu não tinha ido ao festival de Woodstock, em Nova York. Expliquei-lhe que tinha apenas 10 anos de idade na época e que ficava do outro lado do país, a uns 5 mil quilômetros da minha casa. Mas ela não se deu por satisfeita, não inteiramente. "Pai! - me respondeu, levantando um pouco a voz: - 'ingresso' custava apenas 18 dólares!" Era como se perguntasse: qual era o sentido de ter sido criado nos Estados Unidos, décadas atrás, ainda por cima, sem a Woodstock você? Fiqui satisfeito, confesso, com sua indignação. De alguma forma, a cultura daqueles tempos sobrevivia, mesmo entre os jovens brasileiros de muito tempo depois. Lembrei-me disso tudo na semana passada, enquanto lia *Prime Green: Remembering the Sixties*, livro lindo de memórias de um dos grandes escritores da "longa" década de 60, Robert Stone. Saiu agora, faz pouco, em inglês. Hestiei antes de comprá-lo na Cultura do Conjunto Nacional (adoro esse nome). Era caro. Tinha outros livros para ler. Mas não consigo resistir a velhas histórias da contracultura. Quando chegou a Nova York, após a travessia do continente, o ônibus "Further" parou em frente da casa do Stone. Ele e seus filhos entraram no veículo amarelado e seguiram todos para o Central Park, com a música de Ray Charles tocando a mil. Lá encontraram Jack Kerouac, raivoso, morrendo de ciúme, porque Kesey havia roubado Cassidy, seu motorista, amigo e personagem. Terminava a era beat. Estava para começar a dos hippies, John Kennedy já morrera. No Brasil, os militares tomavam o poder. ●

Visuais Artigo:



FUTURO - Diante do prédio do Detran, a professora Lisbeth Rebollo Gonçalves e o pró-reitor de Cultura da USP, professor Sedi Hirano: projeto de reforma será apresentado a arquiteto indicado pelo governo do Estado

MAC em nova sede - um presente

Museu de São Paulo pode agora criar áreas expositivas especializadas para acervo de 10 mil obras reunidas em seus 44 anos

Lisbeth Rebollo Gonçalves
ESPECIAL PARA O ESTADO
Um novo capítulo se abre na história do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo com uma sede mais adequada ao pleno desempenho de seu papel institucional. Ganhar visibilidade de autônomo de todos os tempos, independentemente da modalidade, foi Neal Cassidy - ponto final. Talvez você nunca tenha ouvido falar dele. Não sei se chegou a participar de alguma corrida. Cassidy ganhou fama na década de 50, na figura de Dean Moriarty, companheiro de Jack Kerouac no seu romance clássico, *Pena Estrada*. Os dois

lher exposições temporárias internacionais, em circuito no País, sempre considerando o perfil do MAC como museu de arte, com acervo especializado no século 20 e em constante processo de atualização contemporânea. No entorno do prédio principal pretende-se ter um espaço para programa de residências artísticas e seus desdobramentos, como exposições, workshops e outras atividades. O MAC instalará, igualmente, salas para suas atividades educacionais, apresentando com mais visibilidade os seus programas e detalhado a oferecer ações econômicas. Outra meta do museu que ganhará força são as ações interdisciplinares das artes visuais com outros campos artísticos, implementando eventos de experiência estética de ensino e pesquisa. O novo prédio permitirá colorar o MAC no circuito cultural de São Paulo como opção de lazer, lugar de vivência artística, formação e informação. Será um edifício diferenciado como acontece com os grandes museus de importante acervo nas grandes cidades do mundo. O museu se prepara para apresentar seu projeto museológico ao

arquiteto a ser indicado pelo governo do Estado para a concepção de sua reforma. ● O Museu de Arte Contemporânea da USP foi fundado em 1963, quando a Universidade de São Paulo recebeu de Francisco Matarazzo, em doação, uma coleção de obras representativas das vanguardas históricas e da arte moderna da primeira metade do século 20. Sua coleção nacional e internacional enriqueceu-se graças a outras doações de colecionadores e com a absorção de obras que participaram de Bienais de São Paulo, bem como por via de doações de artistas contemporâneos brasileiros estrangeiros. Hoje, o MAC possui um precioso acervo, sempre em constante atualização, sendo depositário de uma valiosa coleção pública. Ao longo de sua história, o MAC vem incorporando obras de caráter contemporâneo, fundamentadas na experimentação de novas linguagens e no uso de novos meios. O século 21 chegou trazendo novos desafios. O Museu recebeu recentemente, por determinação judicial, a guarda e administração de 1.561 obras da coleção de Edemar Cid Ferreira, que

abrangem um significativo conjunto de 1.347 fotografias contemporâneas e vem cobrir lacuna no acervo da Instituição. É preciso, desta forma, romper o estereótipo de que o MAC-USP é um museu moderno. Sua história, desde o início, sempre colocou como um museu contemporâneo, apesar de seu rico acervo de arte moderna. Foi no MAC-USP que nasceu a primeira experiência museológica brasileira voltada para a arte contemporânea. Ela se afirmou no final dos anos de 1960, no exato momento em que se projetava internacionalmente discussões sobre brevidades que estavam ocorrendo na arte, ocasião em que se debatia uma nova conceitualização de seus paradigmas. O MAC projetava, já então, ações expositivas que mostravam arte contemporânea ao público. Nesse sentido, o Museu de Arte Contemporânea foi, desde o primei-

ro momento, um museu-fórum, assumindo o compasso dos novos tempos que redefiniram não só a arte, mas também o papel dos museus na sociedade. O MAC vem sendo gerenciado com rigor administrativo e intelectual que marca a ação dos dirigentes e funcionários da Universidade de São Paulo. No MAC, sempre houve projetos e programas para a produção científica e artística. O seu perfil especial, caracterizado pelo vínculo aos valores e às práticas da USP, é uma de suas forças em seu relacionamento com o público externo e com a sociedade brasileira. Com muitas outras áreas, pertencente à USP é um diferencial positivo e que agrega valor. A verdade que não se pode ocultar é que, desde sua fundação, o Museu de Arte Contemporânea vem lutando para ter uma sede onde, com visibilidade e identidade, possa tornar mais acessíveis ao público não só importante acervo que possui, mas também atividades que resultam de seu trabalho especializado. Pesquisamos e construímos nossas ações trabalhando com diferentes áreas humanísticas que se ocupam do

estudo da arte e que são pertinentes dentro da instituição "museu" e ao perfil do acervo. O Museu de Arte Contemporânea da USP é, talvez, um dos poucos museus brasileiros a ter um quadro diferenciado de profissionais especializados não terceirizados, mas vinculados diretamente à instituição: docentes, pesquisadores, conservadores, técnicos de ensino superior e médio, assistentes administrativos, especialistas em informática e comunicação, além de vigilância preparada para atuar em museu. Vem acolhendo ainda estagiários e bolsistas, muitos deles hoje profissionais atuantes em outros museus brasileiros. A seriedade vem sendo a base ética do trabalho neste museu, ao longo de 44 anos de existência. Este momento histórico que o redimensiona institucionalmente não tem precedentes. Eis o nosso MAC pronto para dar mais força ao cumprimento da sua função social. ● Lisbeth Rebollo Gonçalves é professora titular da ECA e diretora do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo